26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE FOTOGRAFIA NO CONTEXTO DA CI: UMA ANÁLISE DE DOMÍNIO EM BUSCA DA POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE EPISTÊMICA

BRAZILIAN SCIENTIFIC OUTPUT ON PHOTOGRAPHY WITHIN THE CONTEXT OF INFORMATION SCIENCE: A DOMAIN ANALYSIS EXPLORING THE POSSIBILITY OF CONSTRUCTING AN EPISTEMIC COMMUNITY

José Augusto Chaves Guimarães – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Telma Campanha de Carvalho Madio – Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Isadora Victorino Evangelista – Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Vinicius Gustavo Franco – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Tendo como foco a produção científica brasileira sobre fotografia na Ciência da Informação, objetiva-se identificar e caracterizar, por meio da análise de domínio, as comunidades epistêmicas existentes a partir de seus autores/referentes centrais, eixos temáticos e padrões de circulação científica que estruturam esse campo. Para tanto, realizou-se busca na base BRAPCI, em artigos de revistas brasileiras, utilizando o termo fotografia no campo palavras-chave, sem recorte temporal. Foram analisados os aspectos relativos a autores, referentes teóricos, palavras-chave, periódicos, distribuição temporal e relações de citação, utilizando-se o software Pajek para representação visual. Os resultados indicam, entre outros aspectos: a) a centralidade de Miriam Paula Manini, André Porto Ancona Lopez e Telma Campanha de Carvalho Madio; b) a predominância temática da fotografia como fenômeno informacional, documental e memorial; e c) a predominância de 5 veículos de publicação - *Em Questão*, *Comunicação & Informação*, *Ponto de Acesso, Ágora, e Logeion* – e uma crescente produção, com pico no ano de 2020. Conclui-se que a fotografia constitui domínio em consolidação, marcado pela interdisciplinaridade, vocabulário próprio e referenciais compartilhados, com crescente ampliação das abordagens documentais, sociais e culturais contemporâneas na Ciência da informação.
Palavras-chave: fotografia; análise do domínio; comunidades epistêmicas.

Abstract: Focusing on Brazilian scientific production on photography in Information Science, this study aims to identify and characterize, through domain analysis, the existing epistemic communities based on their central authors/references, thematic axes, and patterns of scientific circulation that structure this field. To this end, a search was conducted in the BRAPCI database, in articles from Brazilian journals, using the term "photography" in the keywords field, without a temporal restriction. Aspects related to authors, theoretical references, keywords, journals, temporal distribution, and citation relationships were analyzed, using the Pajek software to provide a visual representation. The results indicate, among other aspects: a) the centrality of Miriam Paula Manini, André Porto Ancona Lopez, and Telma Campanha de Carvalho Madio; b) the thematic predominance of photography as an informational, documentary, and memorial phenomenon; c) the predominance of 5 publication vehicles (scientific journals) – Em Questão, Comunicação & Informação, Ponto de Acesso, Ágora, and Logeion – and a growing production, peaking in 2020. It is concluded that photography constitutes a consolidating domain, marked by interdisciplinarity, its own vocabulary and shared references, with a growing expansion of contemporary documentary, social and cultural approaches in Information Science.
Keywords: photography; domain analysis; epistemic communities.

1 INTRODUÇÃO

A fotografia resulta de aperfeiçoamentos químicos e físicos consolidados com os processos de fixação da luz em placas de cobre desenvolvidos por Daguerre em 1839 (Silva, 2010). Esse processo inaugurou o chamado “paradigma fotográfico”, definido por Santaella e Nöth (1998) como uma nova forma de produção de informações visuais. Desde então, a fotografia passou a ser incorporada por diferentes áreas do conhecimento como técnica, ferramenta e documento, desempenhando funções de registro, comunicação, preservação e narração.

No campo da Ciência da Informação - CI, a fotografia assume múltiplos sentidos, podendo ser compreendida como processo, documento, técnica, ciência e arte. Otlet (1934) já reconhecia sua relevância documental ao defender a criação de fototecas e métodos específicos de organização para fotografias. Posteriormente, Briet (1951) ampliou a noção de documento ao incluir linguagens visuais e fotográficas no âmbito da Documentação, consolidando o documento fotográfico como evidência informacional. No contexto brasileiro, Bellotto (2004) ao considerar, como documento, os registros gráficos, iconográficos, fônicos e plásticos produzidos pelas atividades humanas, contempla a fotografia nesse âmbito. Tonello e Madio (2018) aprofundam essa discussão ao afirmar que os documentos fotográficos constituem fontes informacionais singulares, com características e potencialidades próprias.

Na CI, a fotografia relaciona-se às práticas de arquivos, bibliotecas e museus, exigindo métodos específicos de descrição, classificação, preservação e acesso. No entanto, um problema se coloca, na medida em que ainda não se tem claro em que medida esse tema se encontra presente na literatura científica da área, inclusive por conta de sua natureza eminentemente transdisciplinar. Tal aspecto evidencia uma lacuna na própria literatura da CI, uma vez que o tema constitui objeto da produção científica da área – tanto em nível teórico quanto em nível aplicado – mas ainda não se tem claro em que medida o tema fotografia sinaliza para a configuração de um domínio de conhecimento específico no âmbito da Ciência da Informação, o que pressupõe investigar o seu contexto de produção e as dimensões que tal tema assume nessa produção.

Dessa forma, este estudo busca compreender como a fotografia é abordada pela área, a partir da produção científica brasileira, identificando seus atores e as articulações entre eles estabelecidas, as perspectivas teóricas, os focos de produção científica e as formas de tratamento do documento fotográfico em diferentes contextos sociais, históricos e epistemológicos.

2 A FOTOGRAFIA NO MUSEU, NA BIBLIOTECA E NO ARQUIVO[1]

Considerando museus, bibliotecas e arquivos como instituições de guarda e memória, analisa-se como a fotografia é incorporada, tratada e legitimada segundo as especificidades de cada unidade de informação. Dependendo do contexto institucional, ela pode assumir o estatuto de obra de arte, item de coleção bibliográfica ou documento com potencialidade probatória. Compreender essas diferenças é fundamental para a CI, pois o tratamento dispensado ao documento interfere em seu estatuto social e em sua capacidade de produzir conhecimento.

Nos museus, a fotografia foi inicialmente utilizada como instrumento auxiliar de registro, catalogação e conservação de obras e objetos. Sougez (2001) aponta que, em 1882, foi criado o primeiro laboratório de fotografia científica em um museu, o *Staatlischmuseum* de Berlim. Nesse contexto, predominava seu caráter reprodutivo, científico e mecânico (Madio, 2016).

[1] Trabalha-se, neste artigo, com uma concepção ampla de Ciência da Informação enquanto um campo que nutre teórica e metodologicamente atuações e ambiências aplicadas da dimensão informacional, tais como as que ocorrem em arquivos, bibliotecas e museus (Homulos, 1990; Mason, 1990; Smit, 1993, 1994, 2000, 2012).

Ao longo do século XX, a fotografia passou a ser legitimada como expressão artística, especialmente com a criação de departamentos especializados, como o do *Museum of Modern Art* (MoMA), em 1940. Segundo Costa (2008), passou a integrar os museus como objeto artístico e de coleção, valorizado por critérios como autenticidade, raridade e virtuosismo técnico. Assim, o tratamento museológico tende a privilegiar a singularidade, a autoria, a técnica e a procedência estética ou histórica da fotografia.

Sánchez-Vigil e Salvador-Benítez (2013) destacam que, em 1851, o governo francês instituiu o Depósito Legal para a fotografia na Biblioteca Nacional e criou a *Mission Héliographique*.

Nas bibliotecas, os acervos fotográficos foram incorporados principalmente por doações, compras e transferências de coleções. A fotografia é tratada como unidade de informação visual, destinada à consulta e ao estudo, com organização predominantemente temática. Entretanto, a classificação por assuntos pode fragmentar conjuntos documentais e provocar a perda do contexto de produção e de informações históricas relevantes.

Bartlett (1996) identifica referências ao uso da fotografia em arquivos desde 1840, especialmente em registros policiais. No arquivo, a fotografia assume caráter documental quando produzida ou recebida no decorrer de atividades institucionais ou administrativas, apresentando valor probatório, informativo ou administrativo.

Carter (2010, p. 26-27) demonstra que o reconhecimento da fotografia como prova ocorreu gradualmente nos contextos jurídicos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá. Apesar de sua utilização como registro e prova da realidade, durante muito tempo as fotografias foram tratadas de forma isolada e descritas item por item. Somente no final da década de 1990 transformações teóricas passaram a integrá-las organicamente aos demais documentos de arquivo.

3 ANÁLISE DE DOMÍNIO E COMUNIDADES EPISTÊMICAS COMO SUBSÍDIO À CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A abordagem da produção de conhecimento científico pressupõe o reconhecimento e o estudo dos contextos em que esse conhecimento é criado, organizado e disseminado para subsidiar a construção de um novo conhecimento, em um contínuo movimento helicoidal (Guimarães, 2017). Tal aspecto demanda, entre outros aspectos, que se dedique especial atenção aos atores envolvidos e às relações que entre eles se estabelecem.

> Busca-se, assim, a representação de um enquadramento cultural que explique – e justifique – o desenvolvimento dos processos, a criação e utilização dos instrumentos e a geração dos produtos. Em suma, a vertente cultural da OC lança algumas questões como: Organizar o quê? De quem? Para quem? Onde? Quando? Como? Por quê? Para quê? (Guimarães; Tognoli, 2015, p. 3).

Nesse contexto, a Análise de Domínio - AD emerge e se consolida como uma ferramenta de natureza metodológica, "[...] ao preocupar-se com os contextos e as comunidades envolvidas" (Hjørland, 2002, p. 116).

A AD tem por objeto o domínio, enquanto um conjunto de conhecimentos, uma disciplina ou um ambiente (Hjørland; Albrechtsen, 1995), caracterizado por uma base ontológica e objetivos e hipóteses comuns, evidenciando consenso metodológico e terminológico (Smiraglia, 2012), com certo nível de estabilidade e infraestrutura (Hjørland, 2017), sendo socialmente localizado e apresentando-se em constante movimento (Albrechtsen, 2015; Smiraglia, 2012). Assim, ao propiciar uma abordagem contextual sobre um dado domínio de conhecimento (área específica de estudo, especialização ou atuação profissional), a AD enfatiza as dimensões sociais, históricas e culturais da informação.

Em termos operacionais, a AD pode se desenvolver a partir de estudos, em um dado domínio de conhecimento, sobre: produção e avaliação de obras de referência, sistemas de organização do conhecimento, competências em indexação e recuperação de informação em especialidades, usuários e comunidades, gêneros documentais, análise de discurso, semântica de bancos de dados, proveniência arquivística, estruturas e instituições de comunicação científica, cognição profissional, inteligência artificial, e estudos bibliométricos, históricos, epistemológicos e terminológicos (Barité; Rauch, 2022; Hjørland, 2002; Guimarães; Tognoli, 2015; Martines; Rosa; Almeida, 2023; Smiraglia, 2015).

Considerando que o conhecimento científico se materializa e se socializa por meio de canais e veículos de comunicação científica, especial atenção merecem os atores envolvidos (autores e referentes teóricos) e a forma como agrupam e interagem, constituindo as denominadas comunidades epistêmicas, tendo como pressuposto que tais atores compartilham conhecimentos, crenças, práticas e competências profissionais, o que afeta o conhecimento anteriormente produzido, e subsidia a - e influência na - produção de novos conhecimentos (Evangelista, 2021; Evangelista; Grácio; Guimarães, 2022; Haas, 1992; Håkanson, 2010; Meyer; Molyneux-Hodgson, 2010). E isso traz à tona o conceito de comunidades epistêmicas.

Empregado inicialmente pelo sociólogo alemão Burkart Holzner, na obra *Reality Construction in Society*, publicada em 1968, o conceito de comunidade epistêmica obteve mais ampla difusão a partir de um fascículo da revista *International Organization*, publicado em 1992, especialmente em razão das contribuições de Peter Haas, pesquisador que se dedicou a delimitar e aprofundar o alcance do termo (Evangelista, 2021). Na ocasião, o autor definiu esse grupo de atores como "[…] uma rede de profissionais com reconhecida expertise e competência em um domínio em particular, com autoridade e conhecimento relevante em políticas dentro desse domínio ou área" (Haas, 1992, p. 3, tradução nossa). Nesse sentido, essa abordagem de análise possibilita compreender de que maneira redes de especialistas de um determinado campo atuam frente aos desafios próprios da área, evidenciando o poder subjacente ao domínio do conhecimento e da informação.

Embora essa noção tenha sido utilizada com maior frequência em áreas como a política internacional, particularmente nos debates sobre controle de armamentos, princípios ecológicos e desenvolvimento organizacional, esta pesquisa considera que o conceito também pode ser aplicado de forma pertinente à Ciência da Informação, sobretudo no subsídio para o desenvolvimento de análises de domínio.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pautando-se metodologicamente na AD tendo, como foco, o tema "fotografia" na literatura científica brasileira de CI, a partir da combinação das abordagens epistemológica e bibliométrica (Hjørland, 2002), o presente trabalho centra sua ênfase na identificação das comunidades epistêmicas - autores e referentes teóricos - verificáveis nesse domínio (Meyer; Molyneux-Hodgson, 2010). Para tanto, realizou-se uma busca na base BRAPCI na data de 24 de março de 2026, a partir do termo "Fotografia", ocorrido em palavras-chave em artigos publicados em revistas brasileiras, sem recorte temporal. Foram recuperados 134 (cento e trinta e quatro) documentos, nos quais procedeu-se à AD para identificar as comunidades epistêmicas (autores e referentes teóricos, em termos de incidência e de relacionamento), considerando que a identificação de uma comunidade epistêmica pressupõe o conjunto de autores que estejam tendo no âmbito dos mais produtivos quanto dos mais citados.

A escolha da base BRAPCI deve-se ao fato de constituir-se na mais significativa, abrangente e disseminada base de dados brasileira no âmbito específico da Ciência da Informação. Nesse sentido, merece destaque o fato de abranger não apenas produção

científica disseminada em periódicos da área como também em eventos especializados. O próprio site da base destaca:

> A Brapci, sigla para Base de Dados em Ciência da Informação, é uma plataforma digital brasileira dedicada à coleta, preservação e ao acesso de literatura científica na área de Ciência da Informação. Ela abrange uma ampla gama de publicações, incluindo artigos de periódicos, trabalhos de eventos, livros e capítulos de livros, principalmente de fontes brasileiras e da América Latina (BRAPCI, [20--], online).

Para melhor caracterizar esse panorama, foram ainda identificadas as revistas mais produtivas, os períodos de maior produção e os temas específicos mais recorrentes nos artigos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi identificado um conjunto de 134 artigos dos quais foram eliminados 12 por conta de repetições ou indisponibilidade do artigo na íntegra, chegando-se a um corpus final de 122 artigos nos quais identificaram-se 223 autores (perfazendo uma média de 1,8 autor por artigo), aproximando-se fortemente da tradição das Ciências Humanas e Sociais em que predominam autorias individuais ou com colaborações menos numerosas. Desse conjunto teve-se um total de 184 autores diferentes, dentre os quais 25 autores (cerca de 14% do total) publicaram mais de um trabalho, evidenciando uma temática bastante disseminada mas ainda com pouca concentração de autores.

Aplicando-se a Lei de Elitismo de Price (1963) destacam-se como os mais produtivos os autores que publicaram pelo menos três trabalhos, a saber: a) Claudia Bucceroni Guerra (UNIRIO), com cinco artigos, b) Jairo André Marques Júnior (IBICT), com quatro artigos e c) nove autores com três artigos: André Porto Ancona Lopez (UnB); Rosa da Penha Ferreira da Costa (UnB); Anna Gabriela Pereira Faria (Fundação Casa de Rui Barbosa); Telma Campanha de Carvalho Madio (Unesp); Miriam Paula Manini (UnB); Mário Bittencourt Monteiro (UFRGS); Alzira Tude de Sá (UFBA); Ana Claudia Medeiros de Sousa (UFBA) e Gabriela Lúcio de Sousa (Fundação Casa de Rui Barbosa). Em que pese haver esse conjunto de autores mais produtivos observa-se, como já afirmado, que há uma grande dispersão de autorias uma vez que cerca de 86% dos autores publicaram apenas um trabalho.

Relativamente aos referentes teóricos a partir dos autores citados no *corpus* chegou-se a um total de 1599 autores. Aplicando-se a Lei de Elitismo de Price (1963) chega-se a um conjunto de 41 autores que receberam oito ou mais citações cada[2].

No universo de autores mais citados, destaca-se um grupo de pesquisadores com ênfase mais específica na questão da fotografia, em obras seminais para essa temática, nomeadamente: Boris Kossoy, Roland Barthes, Walter Benjamin, Philippe Dubois, André Rouillé, Susan Sontag e Vilém Flusser

A transversalidade do tema se evidencia a partir de referentes oriundos de áreas externas à Ciência da Informação, a saber: a) História (incluindo a História da Arte), com Jacques Le Goff, Peter Burke, Ana Mauad, Georges Didi-Huberman, Erwin Panofsky e Ernst Gombrich; b) a Filosofia, com Gilles Deleuze e Michael Foucault; c) a Sociologia, com Pierre Bourdieu e Michael Pollack; d) a Antropologia, com Etienne Samain; e e) a Semiótica, com Lúcia Santaella. Tal constatação é particularmente relevante para evidenciar o caráter transversal da fotografia na Ciência da Informação. Esse universo, por sua vez, alerta para a necessidade de se pensar a fotografia, quando apropriada por contextos informacionais (como no Arquivo, na Biblioteca ou no Museu), enquanto um conhecimento registrado e socializado cuja organização e representação se abre para múltiplos cenários interpretativos, devendo considerar sempre os distintos contextos que a ela subjazem: produção, finalidade, temáticas, impactos, uso e usuários etc.

Trazendo a questão para o contexto da Ciência da Informação, tem-se, nos autores citados, os seguintes: Johanna Smit (USP), Carmen Agustín Lacruz (U. de Zaragoza, Espanha), Ricardo Rodrigues (IBICT), Michael Buckland (UCLA – EUA), Cristina Ortega (UFMG), Birger Hjorland (U. de Copenhagen, Dinamarca), Fábio Pinho (UFPE), Vera Boccato (UFSCar), Mariângela Fujita (Unesp), Martine Joly (U. de Bordeaux, França) e Yves Le Coadic (*Conservatoire National des Arts et Métiers*, França). Em uma abordagem mais específica,

[2] Boris Kossoy (50 citações); Miriam Manini (39 citações); Roland Barthes (31 citações); André Ancona Lopez (30 citações); Walter Benjamin (28 citações); Susan Sontag (28 citações); Heloísa Bellotto (24 citações); Phillipe Dubois (23 citações); Jaques Le Goff (22 citações); Andre Rouillé (20 citações); Johanna Smit (21 citações); Aline Lacerda (18 citações); Telma Madio (15 citações); Annateresa Fabris (14 citações); Carmen Agustín; Pierre Bourdieu; Peter Burke; Georges, Didi-Huberman; Luciana Duranti; Ana Maria Mauad; Etienne Samain; e Lúcia Santaella (13 citações cada); Vilém Flusser e Ricardo Rodrigues (12 citações cada); Michael Buckland e Erwin Panofsky (11 citações cada); Gilles Deleuze; Ernst Gombrich; Antonia Heredia; Cristina Ortega e Birger Hjorland (10 citações cada); Marilena Paes; Fábio Pinho e Michael Pollack (9 citações cada); e Joan Boadas I Raset, Vera Boccato; Michel Foucault; Mariângela Fujita; Martine Joly; Yves-François Le Coadic; e Joan Schwartz (8 citações cada).

voltada para aspectos arquivísticos da fotografia, figuram: Heloísa Bellotto (USP), Aline Lacerda (FIOCRUZ), Annateresa Fabris (U. de Firenze, Itália), Luciana Duranti (*U. of British Columbia*, Canadá), Antonia Heredia (Archivo General de Andalucía, Espanha), Marilena Paes (Fundação Getúlio Vargas), Joan Boadas (Archivo Municipal de Girona, Espanha) e Joan Schwartz (*Queens University*, Canadá). Nesse universo de referentes teóricos, e relativamente à Ciência da Informação brasileira, tem-se, como referentes teóricos integrantes dessa elite (em ordem decrescente de citações recebidas): Miriam Manini (UnB), André Ancona Lopez (UnB), Heloísa Bellotto (USP), Johanna Smit (USP), Telma Madio (Unesp), Cristina Ortega (UFMG), Marilena Leite Paes (Fundação Getúlio Vargas), Fábio Pinho (UFPE), Vera Boccato (UFSCar) e Mariângela Fujita (Unesp).

Esse contexto diversificado de referentes teóricos evidencia que a literatura brasileira de Ciência da Informação tem abordado o tema fotografia predominantemente como objeto de atenção de bibliotecas e de arquivos, ao passo que a dimensão museológica não se evidencia com tal nitidez.

Cotejando-se os autores mais citados com aqueles que integram a elite dos mais produtivos, têm-se três pesquisadores, nomeadamente: Miriam Manini, André Ancona Lopez e Telma Madio, que ocupam posição de centralidade e representam o núcleo da comunidade epistêmica da temática no Brasil.

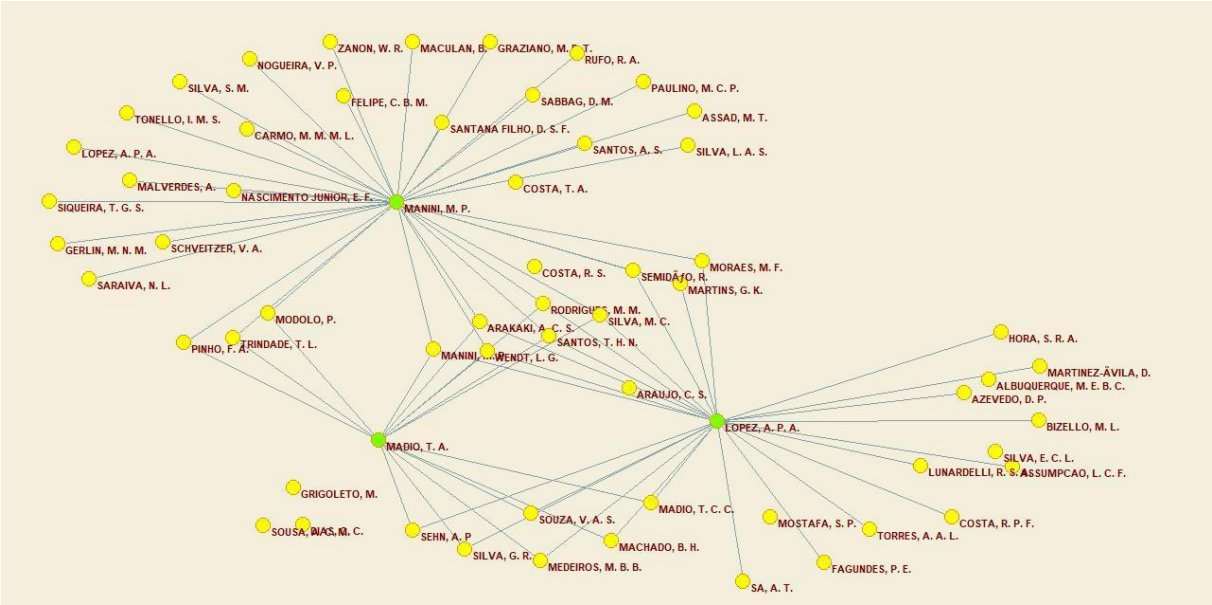
Miriam Paula Manini, da UnB, é a autora que apresenta maior capilaridade na rede, sendo citada por estudos voltados a análise documentária, indexação de fotografias, representação imagética, memória e preservação. Suas obras são mobilizadas principalmente para fundamentar metodologias de leitura, descrição e tratamento informacional da imagem fotográfica. Dessa forma, Manini ocupa posição central na constituição de uma abordagem documental da fotografia no campo da CI.

André Porto Ancona Lopez, igualmente da UnB, por sua vez, aparece associado sobretudo às discussões arquivísticas sobre contexto de produção, classificação, descrição e interpretação de documentos imagéticos. Sua centralidade indica a importância da perspectiva arquivística para a legitimação da fotografia como documento de arquivo. Nesse sentido, o autor contribui para o fortalecimento de uma abordagem que compreende a imagem fotográfica não apenas como registro visual, mas como documento inserido em relações de produção, proveniência e organicidade.

Telma Campanha de Carvalho Madio, da Unesp, ocupa posição de articulação entre os estudos arquivísticos e a organização do conhecimento. Suas contribuições concentram-se em temas como gênese documental, fotografia institucional, tipologia documental e identificação de documentos fotográficos. A recorrência de suas citações demonstra a relevância de sua produção para a compreensão do documento fotográfico em ambientes institucionais e arquivísticos.

Na figura abaixo, é possível visualizar a comunidade analisada (autores do universo da Ciência da Informação que, concomitantemente figuram tanto na elite dos mais produtivos quanto na elite dos mais citados), enquanto autores centrais, e suas influências nas produções de outros pesquisadores da temática:

Figura 1 - Rede bibliométrica comunidade epistêmica em Fotografia no âmbito da CI



Fonte: elaboração própria (2026).

Miriam Manini é a autora que evidencia maior capilaridade, uma vez que apresenta uma maior rede. Tal rede, por sua vez, evidencia pontos de conexão com as redes de André Ancona Lopez e Telma Madio. Nesse sentido, os autores Ana Carolina Simionato (UFSCar/UnB), Lucas George Wendt (UFRGS), Thais Helen do Nascimento Santos (UFPE), Maurício Coelho da Sila (UFSC), Mateus de Moura Rodrigues (UFRGS) e a própria Miriam Manini (UnB) atuam como pontos de intersecção entre esses três universos. A posição dos três autores centrais na rede indica sua relevância na consolidação de referenciais teóricos sobre fotografia, documento fotográfico, memória, representação da informação e

organização arquivística. Ademais, nessa rede, e mais especificamente na confluência dos três referentes teóricos centrais, uma conexão institucional entre UnB, Unesp, UFSCar, UFRGS, UFSC e UFPE, cada qual responsável por um Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e, ainda, cinco dessas sete instituições possuem uma vertente arquivística bastante acentuada na pós-graduação, em muito graças ao oferecimento de curso de graduação nessa área.

Essa configuração demonstra que o domínio da fotografia na CI brasileira possui caráter interdisciplinar, articulando contribuições da Arquivologia, da Organização e Representação do Conhecimento, da Memória Social e da Comunicação. A rede evidencia, portanto, não apenas a recorrência de determinados autores, mas a existência de um conjunto relativamente estável de conceitos, problemas e métodos compartilhados.

A dimensão temática da produção analisada se evidencia a partir das palavras-chave dos artigos. Nesse contexto, foram selecionadas, em termos de incidência, as *top ten* dessas palavras -chave, a saber: Ciência da Informação (40 incidências), Memória (19 incidências), Arquivologia (17 incidências), Imagem (11 incidências), Comunicação (7 incidências, Documento fotográfico (7 incidências), Representação da Informação (7 incidências), Biblioteconomia (7 incidências), Documento (6 incidências) e Documento de arquivo (6 incidências). Em um âmbito geral das palavras-chave, há de se observar que a incidência de termos como “indexação” e “descrição arquivística”, aliados à incidência do termo “Representação da Informação” evidenciam como a questão da fotografia encontra-se, no âmbito da literatura analisada, fortemente associada aos processos de tratamento documental, caracterizando-se como um espaço de centralidade nessa temática.

Em termos de veículos de publicação, observa-se um conjunto de 43 revistas para veiculação dessa produção científica. Nesse contexto, foram selecionadas as revistas que, no período analisado, publicaram quatro ou mais artigos, perfazendo 69 artigos (57% do corpus), totalizando doze revistas especificamente da CI, a saber: *Em Questão* (da UFRGS, com 11 artigos), *Comunicação & Informação* (da UFG, com 8 artigos), *Ponto de Acesso* (da UFBA, com 8 artigos), *Ágora: Arquivologia em Debate* (da UFSC, com 8 artigos) e *Logeion: Filosofia da Informação* (do IBICT, com 6 artigos), Informação e Informação (da UEL, com 4 artigos), Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (da UnB), com 4 artigos), Acervo (do Arquivo Nacional, com 4 artigos), Ciência da Informação (do IBICT, com 4 artigos), Museologia e Interdisciplinaridade (da UnB, com 4 artigos), Perspectivas em Ciência da Informação (da

UFMG, com 4 artigos), InCID (da USP - Ribeirão Preto, com 4 artigos). Esse panorama revela a existência de espaços recorrentes de circulação científica sobre o tema, com especial ênfase para as universidades. Essa distribuição confirma a presença da fotografia em diferentes frentes disciplinares, especialmente na CI, notadamente nos âmbitos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

A distribuição temporal, situada entre os anos de 1998 e 2025, sinaliza para uma maior ênfase de publicação a partir de 2016, sendo que o período de 2016 a 2025 responde por cerca de 74% de toda a produção. Tal aspecto atesta que essa temática vem sendo objeto de preocupação e de abordagem científica pela área. É interessante observar que essa cronologia coincide, de certa maneira, com a ênfase que a área vem dando aos aspectos de preservação digital, que atingem de maneira direta as fotografias. Esse panorama sugere que os estudos sobre fotografia deixaram de ocupar posição periférica e passaram a compor um subcampo relativamente estabilizado.

Observa-se, ainda, uma ampliação temática: os trabalhos iniciais tendem a enfatizar a fotografia como documento e objeto de descrição, enquanto os estudos mais recentes incorporam discussões sobre memória institucional, acesso, mediação cultural, *folksonomia*, patrimônio e ambientes digitais, evidenciando a transversalidade o tema “fotografia”.

Dessa forma, a comunidade identificada a partir da produção científica analisada pode ser compreendida como um agrupamento intelectual organizado em torno de autores centrais, que agregam outros autores e cujas redes demonstram pontos de articulação. Ademais, identifica-se um vocabulário especializado, uma produção centrada em periódicos recorrentes e, principalmente, agendas temáticas compartilhadas. A rede analisada evidencia, portanto, um domínio científico em processo de amadurecimento, marcado pela circulação de referências comuns e pela expansão das possibilidades teóricas e metodológicas aplicadas ao estudo do documento fotográfico.

Se, por um lado, a análise dos atores do domínio analisado permitiu identificar seu contexto e sua forma de interação, é ainda prematuro afirmar que existe uma comunidade epistêmica constituída - arriscar-se-ia afirmar que esta poderia encontrar-se em fase embrionária - uma vez que não foi possível identificar em que medida tais atores compartilham efetivamente conhecimentos, crenças, práticas e competências, aspecto que conduz para a continuidade e verticalização deste estudo preliminar. Desse modo, a evidenciada centralidade de Miriam Manini, André Ancona Lopez e Telma Madio permite

afirmar sua proeminência no domínio da fotografia, em termos de Ciência da Informação no Brasil.

Torna-se agora necessário analisar, como pesquisa em continuidade, suas matrizes teóricas e suas bases conceituais para que se possa ou não caracterizá-los como integrantes de uma mesma comunidade epistêmica. Ademais, por serem pesquisadores oriundos de duas universidades - UnB e Unesp - e ainda em se considerando que Manini já é falecida, valeria, em pesquisa futura, e sob a perspectiva da genealogia acadêmica, analisar como se construiu sua rede de "descendentes acadêmicos" a partir das orientações acadêmicas por eles empreendidas nessa temática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema fotografia ocupa um campo de destaque na produção científica brasileira de Ciência da Informação, haja vista a diversidade de veículos científicos que vêm dedicando espaço a essa temática.

Nesse contexto, observa-se que o tema é abordado de forma diversificada, atingindo aspectos ligados à memória, à organização e representação documental, e aos processos comunicativos daí decorrentes, com ênfase em espaços institucionais como arquivos e bibliotecas.

A comunidade acadêmica que protagoniza a produção científica sobre fotografia no Brasil, por sua vez, se estrutura a partir de autores que exercem papel de mediação conceitual entre fotografia, documento, memória e representação. A centralidade de Manini, Ancona Lopez e Madio, representativa de duas universidades que possuem programas de pós-graduação em Ciência da Informação com forte ênfase na questão do tratamento da imagem - UnB e Unesp - revela a existência de um núcleo teórico consolidado, responsável por orientar grande parte das discussões sobre o tratamento informacional da imagem fotográfica.

A identificação dos referentes teóricos que nutrem a produção científica analisada revela a transversalidade do tema fotografia, a partir de universos disciplinares variados – História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Semiótica – mas que, por sua vez, encontram verticalidade e uma apropriação específica na Ciência da Informação, aqui entendida de forma ampla, abrangendo dimensões tanto arquivísticas quanto biblioteconômicas, uma vez que o tratamento de fotografias é objeto da prática profissional inerente a esses dois universos. Tais

aspectos sinalizam para um processo embrionário de construção de uma comunidade epistêmica, aspecto que necessita ser verticalizado em pesquisas posteriores.

Por fim, destaca-se que a fotografia deixa de ser compreendida apenas como objeto visual e passa a ser analisada como documento, evidência, memória e recurso de mediação social da informação, notadamente a partir da contribuição teórica da comunidade epistêmica identificada.

REFERÊNCIAS

ALBRECHTSEN, Hanne. This is not domain analysis. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 42, n. 8, p. 557-561, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5771/0943-7444-2015-8-557. Acesso em: 27 out. 2026.

BARITÉ, Mario; RAUCH, Mirtha. Terminological studies as domain analysis: a critical exploration. **Brazilian Journal of Information Science**: Research Trends, [*s. l.*], v. 16, e02140, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02140. Acesso em: 27 out. 2026.

BARTLETT, Nancy. Diplomatics for photographic images: academic exoticism? **The American Archivist**, [*s. l.*], v. 59, n. 4, p. 486-494, 1996. Disponível em: https://american-archivist.kglmeridian.com/downloadpdf/view/journals/aarc/59/4/article-p486.pdf. Acesso em: 27 out. 2026.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAPCI. **Base de Dados em Ciência da Informação**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [20--]. Disponível em: https://brapci.inf.br. Acesso em: 27 out. 2026.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions documentaires, industrielles et techniques, 1951. 48 p.

CARTER, Rodney G. S. Ocular proof: photographs as legal evidence. **Archivaria**, [*s. l.*], n. 69, p. 23–47, Spring 2010. Disponível em: https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13260. Acesso em: 27 out. 2026.

COSTA, Helouise. Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 131-173, 2008. Disponível em: https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5495. Acesso em: 12 maio 2026.

EVANGELISTA, Isadora Victorino; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. The concepts of domain, discourse community and epistemic community: affinities and specificities. **Brazilian Journal of Information Science**: Research Trends, [*s. l.*], v. 16,

e02138, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02138. Acesso em: 27 out. 2026.

EVANGELISTA, Isadora Victorino. **Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento**: uma análise da literatura da área. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/204149. Acesso em: 27 out. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; TOGNOLI, Natália Bolfarini. Provenance as a domain analysis approach in archival knowledge organization. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 42, n. 8, p. 562-569, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5771/0943-7444-2015-8-562. Acesso em: 27 out. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Slanted knowledge organization as a new ethical perspective. *In*: ANDERSEN, Jack; SKOUVIG, Laura (ed.). **The organization of knowledge**: caught between global structures and local meaning. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2017. v. 12, p. 87-102. (Studies in Information).

HAAS, Peter M. Introduction: epistemic communities and international policy coordination. **International Organization**, [*s. l.*], v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0020818300001442. Acesso em: 27 out. 2026.

HÅKANSON, Lars. The firm as an epistemic community: the knowledge-based view revisited. **Industrial and Corporate Change**, [*s. l.*], v. 19, n. 6, p. 1801-1828, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1093/icc/dtq052. Acesso em: 27 out. 2026.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, [*s. l.*], v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1108/00220410210431136. Acesso em: 27 out. 2026.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis. *In*: HJØRLAND, Birger; GNOLI, Claudio (ed.). **ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization**. [*S. l.*]: International Society for Knowledge Organization (ISKO), 2017. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/domain_analysis. Acesso em: 27 out. 2026.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, [*s. l.*], v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995. Disponível em: https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199507)46:6<400::AID-ASI2>3.0.CO;2-Y. Acesso em: 27 out. 2026.

HOMULOS, Peter. Museums to libraries: a family of collecting institutions. **Art Libraries Journal**, [*s. l.*], v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0307472200006581. Acesso em: 27 out. 2026.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. **Documento de arquivo**: fotografia. 2016. Tese (Livre-Docência em Documento Fotográfico) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016. Disponível em: https://hdl.handle.net/11449/324517. Acesso em: 25 maio 2026.

MARTINES, Alexandre Robson; ROSA, Giovanna Teodoro; ALMEIDA, Carlos Cândido de. A relação pragmática entre domínio e documento na representação da informação. **Revista EDICIC**, San José, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2023. Disponível em: https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/view/221. Acesso em: 27 out. 2026.

MASON, Richard O. What is an information professional? **Journal of Education for Library and Information Science**, Arlington, v. 31, n. 2, p. 122-138, 1990. Disponível em: https://doi.org/10.2307/40323396. Acesso em: 27 out. 2026.

MEYER, Morgan; MOLYNEUX-HODGSON, Susan. Introduction: the dynamics of epistemic communities. **Sociological Research Online**, [*s. l.*], v. 15, n. 2, p. 109-115, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.5153/sro.2154. Acesso em: 27 out. 2026.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PRICE, Derek John de Solla. **Little science, big science**. New York: Columbia University Press, 1963.

SÁNCHEZ-VIGIL, Juan Miguel; SALVADOR-BENÍTEZ, Antonia. **Documentación fotográfica**. Barcelona: Editorial UOC, 2013.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA, Wagner Souza e. F**oto 0/Foto 1**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-01122010-094326/pt-br.html. Acesso em: 14 maio 2026.

SMIRAGLIA, Richard P. Domain analysis of domain analysis for knowledge organization: observations on an emergent methodological cluster. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 42, n. 8, p. 602-614, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5771/0943-7444-2015-8-602. Acesso em: 27 out. 2026.

SMIRAGLIA, Richard P. Epistemology of domain analysis. *In*: SMIRAGLIA, Richard P.; LEE, Hur-Li (ed.). **Cultural frames of knowledge**. Würzburg: Ergon Verlag, 2012. p. 111-124.

SMIT, Johanna Wilhelmina. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, jan./jun. 1993. Disponível em: https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/000866736.pdf. Acesso em: 27 out. 2026.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A informação na Ciência da Informação. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 2012. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/article/view/48655. Acesso em: 27 out. 2026.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/399/373. Acesso em: 27 out. 2026.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Eu, bibliotecário, RG XXXXX e CPF YYYYY, trabalho em arquivo ou museu... algum problema? **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 12-13, out. 1994. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/7177771/JohanaSmith. Acesso em: 27 out. 2026.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia**. Tradução de Lourenço Pereira. Lisboa: Dinalivro, 2001.

TONELLO, Izângela Maria Sansoni; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia como documento: com a palavra Otlet e Briet. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 77–93, jan./abr. 2018. DOI: https://doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n1p77. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32504. Acesso em: 14 maio 2026.